PREFÁCIO

VIOLA BRASILEIRA: SÍMBOLO DE NOSSA DIVERSIDADE CULTURAL

O livro *Viola caipira: das práticas populares à escritura da arte*, de Roberto Nunes Corrêa, baseado em sua tese de doutorado "Viola caipira: das práticas populares à escritura da arte" (ECA/USP, 2014), aborda vários aspectos da história desse instrumento no Brasil, procurando entender o caráter genérico de sua nomenclatura e a consequente falta de precisão das informações registradas sobre as violas até meados do século XX. Paralelamente, o autor estuda as transformações que, a partir da década de 1960, foram impostas à *viola caipira* (o tipo de viola predominante nas regiões Sudeste e Sul do Brasil), especialmente o impacto da luteria de caráter violonístico e a interação entre os repertórios tradicionais e os repertórios modernos veiculados pela discografia, rádio e televisão.

Corrêa também observa a enorme difusão das violas a partir da década de 1980, em meios musicais muito diversificados, como espetáculos de violeiros solistas, gravações em discos e vídeos, publicações, festivais, seminários e, especialmente, instituições de ensino, destacando sua recente adoção como um dos instrumentos dos cursos universitários de música.

Por outro lado, publicações acadêmicas sobre a viola brasileira, como este livro, infelizmente ainda são raras. Embora seja um dos tipos de instrumentos musicais há mais tempo presentes e geograficamente mais difundidos no Brasil, a viola permaneceu em segundo plano no ensino, na cultura urbana e na indústria fonográfica até meados do século XX, em função do seu caráter popular, da falta de unidade em suas formas de construção e afinação, da transmissão de sua música principalmente por memória e, consequentemente, da escassez de sistemas escritos para o ensino de sua execução.

As razões para essa exclusão são relativamente bem conhecidas: há cerca de um século, a viola ainda era vista como instrumento exótico, rústico e inculto, sem espaço no Brasil que desejava desenvolver-se a partir de uma visão positivista, tendo como modelo o homem branco e como meta a alta cultura europeia. Como observa Roberto Corrêa, no terceiro capítulo deste livro, nessa época a viola era vista como obstáculo ao progresso e resquício de um passado que o país desejava esquecer.

Foi a dissolução do olhar eurocêntrico e positivista que possibilitou o início da valorização das culturas populares, na segunda metade do século XX, movimento que revitalizou a percepção desse instrumento e de sua música, abrindo caminho para sua aceitação e difusão cada vez maior no país. Ainda que haja círculos nos quais a viola continue a ser vista como instrumento secundário, sua presença cada vez mais expressiva vem revelando sonoridades, tradições e excelências que tornam injustificado o olhar preconceituoso que por tanto tempo existiu sobre esse instrumento, especialmente em meio à elite urbana do século XIX e primeira metade do século XX.

A desconsideração da viola e de sua música na cultura oficial brasileira representou, ao menos nesse período, a perda de uma grande oportunidade de desenvolvimento musical e humano, em função das potencialidades técnicas, culturais e sociais que esse instrumento reúne de forma tão diversificada e tão distinta dos padrões então referenciais.

A diversidade intrínseca à viola – manifesta em seus

modelos e formas, número e material de suas cordas, tipos de afinação, modos de construção, maneiras de execução, regiões geográficas e períodos históricos representados, povos e classes sociais que a cultivaram – é um dos seus atributos mais notáveis: das *vihuelas* e *guitarras* espanholas dos séculos XVI e XVII, passando pelos machetes e violas portuguesas dos séculos XVIII e XIX, diversificadas no Brasil na forma da viola caipira, viola nordestina, viola caiçara, viola de cocho, viola de cabaça, viola de buriti e muitas outras, todas são genericamente compreendidas como violas (e as da última categoria como violas brasileiras).

Talvez por sua diversidade, a viola tenha encontrado terreno tão fértil no Brasil, país cuja essência é definível somente por sua diversidade: física, geológica, climática, biológica, humana, cultural, religiosa, linguística, comportamental. Desde os portugueses que a tocavam nas capitais luso-americanas do século XVI, passando pelos caipiras e sertanejos do século XIX, até sua presença na sofisticada mídia contemporânea, a viola tornou-se um dos mais interessantes símbolos da diversidade cultural brasileira.

A consolidação da presença da viola na mídia e nos cursos de música (especialmente universitários) representa, portanto, a possibilidade de ampliar o contato dos estudantes e ouvintes com aspectos importantes da história cultural do país, com a vivência da diversidade e com maneiras de execução que exigem contínua pesquisa e criatividade.

Para isso precisamos ter a viola entre os nossos casos de estudo, objetos de análise, temas de pesquisa, motivos de textos, inspirações poéticas, sonoridades preferidas, condutores de narrativas, meios de expressão, integrantes de conjuntos, instrumentos de composição, formas de contemplação, peças de exposições e museus, fontes de diversão, exemplos culturais, modelos de representações, oportunidades de trabalho, projetos artísticos, destinos de financiamento, ementas de cursos, planos de ensino, inícios de conversa, assuntos de aula, propósitos de discussão, finalidades do esforço e soluções de problemas.

Não há nada mais desconhecido no Brasil que o próprio Brasil. A pesquisa, estudo, ensino e difusão da viola podem ser vistas como possíveis antídotos, entre outros, para o nosso auto-desconhecimento, mesmo sabendo-se que a reversão desse processo seja uma tarefa que se prolongará pelas próximas décadas e pelas próximas gerações. Neste livro, Roberto Corrêa contribui para esse objetivo, fortalecendo um dos maiores ícones da cultura popular brasileira e demonstrando quão grande e aberto é o caminho para sua compreensão e integração à vida contemporânea.

Paulo Castagna
Instituto de Artes da UNESP (São Paulo)
Pesquisador PQ-CNPq